



PinusLetter nº 46 - Janeiro de 2016

Autoria: **Celso Foelkel**

Uma realização:



Organizações facilitadoras:



ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel



IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores



IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais

Empresas e organizações patrocinadoras:



Fibria



ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel



ArborGen Tecnologia Florestal



Celulose Irani



CENIBRA – Celulose Nipo Brasileira



CMPC Celulose Riograndense



IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores



Klabin



Lwarcel Celulose



Pöyry



Solenis



Stora Enso Brasil



Suzano Papel e Celulose



Relatos de Vida



CODEMA & COMPET/CITEC

FIERGS

Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul

A década dos anos 90's no final do século passado talvez possa ser considerada como o período da história moderna onde aconteceram as maiores e mais importantes inovações, realizações e movimentações para o setor brasileiro de celulose e papel, seja em temas ambientais como nos fatores relacionados ao aumento de competitividade desse tipo de negócio no País. Naquela época, as combinações de palavras como "sustentabilidade ambiental" ou "sustentabilidade do negócio" estavam ainda para serem criadas, embora já se falasse e se tentasse praticar o recém-criado conceito de desenvolvimento sustentável.

Quando essa década se iniciou, o setor global de produção de celulose e papel estava mergulhado em uma das maiores de suas crises de natureza ambiental, com a descoberta no final da década anterior da famigerada família de compostos conhecidos como dioxinas e furanos nos efluentes hídricos, resíduos sólidos (lodos da estação de tratamento de efluentes) e emissões aéreas resultantes de processos de combustão de material orgânico.

O setor havia descoberto a importância da necessidade de se respeitar o meio ambiente da forma mais dramática, com a grande movimentação popular e da mídia contra o branqueamento da celulose usando compostos clorados, principalmente cloro elementar e hipoclorito de sódio, que levam à formação dessas dioxinas e furanos em maior intensidade.

Evidentemente, esse episódio foi extremamente danoso para o setor de celulose branqueada e para os papéis brancos em suas múltiplas utilizações higiênicas e sanitárias, em embalagens de alimentos, em papéis de filtro de café, etc. Por outro lado, esse movimento todo foi muito importante para impulsionar o setor durante toda a década dos 90's na busca de melhorar o seu desempenho ambiental, melhorar

a imagem e tentar resolver alguns problemas crônicos que apresentava em relação ao meio ambiente, tais como:

- Uso de madeira de matas nativas (na Europa e América do Norte) ou de florestas plantadas sem garantia de origem ou de bom manejo florestal (na América Latina);
- Geração de enormes quantidades de resíduos sólidos e de efluentes hídricos;
- Grande utilização de energia elétrica, combustíveis e água;
- Problemas de odor e de outros tipos de emissões aéreas;
- Grandes desperdícios de insumos químicos, fibras, água e energia;
- Baixa interação com as partes interessadas devido à prática da gestão pelo "low profile", ou seja, não se expor a debates, fugir da mídia e "empurrar os temas conflituosos com a barriga".

Diversas ocorrências absolutamente notáveis aconteceram durante a década dos 90's para estimular tanto o respeito ambiental como a busca do desenvolvimento sustentável, bem como para alavancagem do crescimento do setor de celulose e papel no Brasil. Depois de uma "década perdida" (anos 80's) em termos de crescimento econômico, social e ambiental, o Brasil havia descoberto a democracia e a abertura de seus portos, com a possibilidade de praticar melhor o jogo do comércio exterior. Durante os anos 90's, o setor brasileiro de celulose e papel se mobilizou para implementar ferramentas de gestão mais modernas, para melhorar resultados e desempenhos e para alicerçar um novo ciclo virtuoso de construção de novas fábricas e de expansão de capacidade em fábricas existentes, só que dessa vez, com muito maior preparo em relação aos temas ambientais e sociais. O II PNPC foi sendo gerado ao longo dessa década dos 90's para permitir que novas linhas de produção de celulose de mercado fossem criadas em empresas como Aracruz e Cenibra e novas fábricas surgissem como a Veracel na Bahia, a Votorantim Celulose e Papel em Jacaréí, a Bacell também na Bahia, etc. Também as fábricas orientadas ao mercado doméstico de papel cresceram e se modernizaram (casos da Klabin, VCP, Suzano, etc.).

Dentre os eventos mais marcantes que alavancaram essa mudança de posturas, práticas e comportamentos no setor, tomo a liberdade de elencar os seguintes, sem me preocupar com ordem de importância e sim de seus somatórios:

- A realização da Eco 92 no ano de 1992 na cidade do Rio de Janeiro. O evento organizado pela ONU – Organização das Nações Unidas - foi denominado de World Environmental Summit e descortinou compromissos e programas globais para a melhoria das práticas ambientais na busca do desenvolvimento sustentável. Paralelamente, e como parte do evento, resultou ainda a famosa "Declaração das Florestas" clamando por maior respeito às florestas do planeta.
- O lançamento dos programas de certificação do manejo florestal e da cadeia-de-custódia para produtos originados de florestas nativas ou de plantações florestais, tais como o do FSC – Forest Stewardship Council e os do PEFC – Pan European Forest Certification Schemes, mais tarde rebatizado como Programme for the Endorsement of Forest Certification Schemes.
- O lançamento das normas da série ISO 9.000 (sistemas de garantia de qualidade) e ISO 14.000 (sistemas de gestão ambiental) que se propagaram de forma exponencial em implementações no setor e fora dele.

- A criação do programa de produção mais limpa pela UNEP – United Nations Environment Programme e UNIDO – United Nations Industrial Development Organization, com difusão rápida a nível global, fosse em países desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento.
- A fundação do WBCSD – World Business Council for Sustainable Development, com a coalisão de esforços de super-empresas e super-empresários em uma cruzada para o desenvolvimento sustentável e para a prática da ecoeficiência. Desde o início, a empresa brasileira Aracruz Celulose esteve na gestão do WBCSD através de seu sócio e legendário Erling Lorentzen.
- O fortalecimento dos programas de rotulagem ambiental em diversos países do mundo (programas *Flower* da União Europeia; *White Swan* da Escandinávia; *Blue Angel* da Alemanha e Colibri/Beija-Flor da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas).
- A mobilização de diversas Federações de Indústrias e da própria CNI – Confederação Nacional da Indústria em fortalecer seus comitês institucionais de meio ambiente, de eficiência energética e de competitividade industrial.
- A realização do estudo elaborado pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, sob a liderança do Dr. Luciano Coutinho e Dr. João Carlos Ferraz sobre a “Competitividade da Indústria Brasileira”, encomendado pelo Governo Federal e tornado público em 1993. Um dos setores visualizados como dos mais promissores pelo estudo foi justamente o de celulose e papel (http://www.mct.gov.br/upd_blob/0002/2269.pdf)
- O fortalecimento dos programas de qualidade e produtividade através de programas como PBQP – Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade e PGQP – Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade.
- O envolvimento de megaempresários como Jorge Gerdau Johannpeter em programas de competitividade industrial, como através do Movimento Brasil Competitivo (<http://www.mbc.org.br/mbc/novo/index.php>).

Quando a década dos 90’s chegou, ela me encontrou mobilizado em temas ambientais, como no caso do branqueamento da celulose e para obter o licenciamento ambiental para a sonhada ampliação de capacidade da empresa onde eu trabalhava como Diretor de Tecnologia e Ambiente (Riocell S.A.). Apesar do mundialmente reconhecido desempenho ambiental e florestal da empresa, o processo de licenciamento foi muito polêmico, com duas audiências públicas, enorme envolvimento político e de Organizações Não Governamentais no processo. O conflito resultou em uma enorme procrastinação e a licença, embora concedida, não pode ser usada em função da ação do Ministério Público contestando-a. Depois de marchas e contramarchas, a licença foi colocada de lado e a ampliação de capacidade deixada em espera, só vindo a acontecer em 2015, com outro nome de empresa (Celulose Riograndense) e outros acionistas.

Nessa época, ficou claro para mim que o setor de celulose e papel carecia de mobilização institucional e de boas argumentações em temas ambientais – a gestão pelo “low profile” inibia posicionamentos institucionais mais contundentes e eficazes. A imagem do setor não era a que ele merecia e não fazia justiça ao muito que algumas empresas estavam trabalhando em termos ambientais. Era claro que os problemas ambientais ainda presentes precisavam ser entendidos, esclarecidos, resolvidos e dialogados com as partes interessadas da sociedade.

A partir de 1992, decidi mergulhar mais intensamente nesse processo, após o episódio das audiências públicas da Riocell. Comecei conquistando uma posição importante e vital em 1993 como Vice-Presidente de Meio Ambiente da ANFPC –

Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, posição que manteve até 1998. A ANFPC passou a se chamar BRACELPA – Associação Brasileira de Celulose e Papel e atualmente ampliou escopo e atividades com o novo nome de Ibá – Indústria Brasileira de Árvores. Essa nova posição favoreceu obter outros assentos importantes em outras instituições, com a meta de ajudar na formação de opinião e nos posicionamentos ambientais, com ênfase na argumentação técnica e científica para resolução dos conflitos. Dentre essas entidades e com base em equivalência de propósitos, eu destacaria as seguintes nas quais participei ativamente:

- ANFPC – Associação Nacional dos Fabricantes de Celulose e Papel – Vice-Presidente de Meio Ambiente entre 1993 a 1998.
- ABCECEL – Associação Brasileira de Exportadores de Celulose – membro e coordenador de alguns comitês como o de meio ambiente e o florestal.
- SINPASUL – Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel, Papelão, Embalagens e Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça do Estado do Rio Grande do Sul – membro do comitê setorial de qualidade e produtividade junto ao PGQP – Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade.
- FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul – membro e depois vice-coordenador do Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente e membro do COMPET – Centro FIERGS de Competitividade e da CITEC – Comissão de Informação Tecnológica.
- CNI – Confederação Nacional da Indústria – membro do COEMA – Conselho Temático de Meio Ambiente.
- International Forestry Roundtable – membro representante do Brasil para temas relacionados a novas posturas da base florestal plantada, como inserção de programas de certificação florestal e de sistemas de gestão da qualidade ambiental.

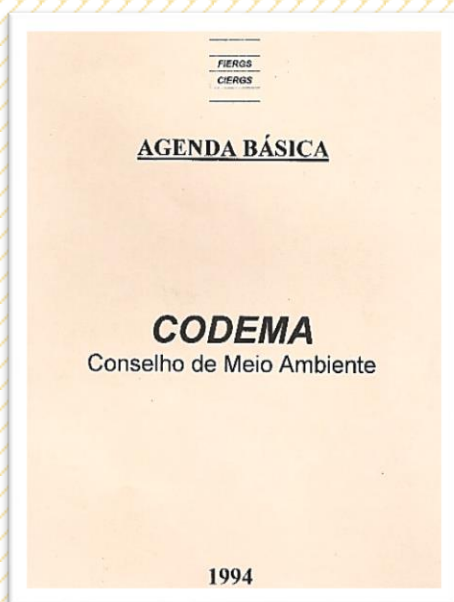
...dentre outras instituições com as quais eu já me relacionava e participava em grupos de trabalho ou de diretoria.

A partir desse novo posicionamento em favor do meio ambiente e da competitividade de maneira mais institucional, passei a me envolver mais intensamente em palestras, eventos, fóruns, reuniões, debates, etc. - sempre com enorme aproximação aos novos pares dessas novas e importantes equipes e grupos de trabalho aos quais eu me agregara.

Estarei dando início a essa nova seleção de meus **Relatos de Vida**, procurando descrever minhas passagens por duas importantes comissões/comitês da FIERGS, onde foi possível interagir com pessoas dedicadas, qualificadas, voluntárias e entusiasmadas e que tinham como meta o bem-comum do setor industrial, fosse ao Rio Grande do Sul, ou a nível nacional e internacional. Resta lembrar que toda a experiência acumulada nesses fóruns e nos projetos desenvolvidos nessas entidades exercia importante papel no meu aperfeiçoamento e no da empresa onde eu mantive atividades profissionais até o final de maio de 1998, que era a Riocell S.A. na cidade de Guaíba – RS.



Relato de Vida
CODEMA – Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente
FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul



Minha participação no CODEMA acabou sendo facilitada pela efetiva participação e representatividade que a Riocell possuía dentro do sistema FIERGS em função de suas inovações tecnológicas, sistemas de gestão, disponibilidade de um centro de pesquisas ímpar no estado, treinamento de recursos humanos e envolvimento em atividades com outras instituições do sistema da federação das indústrias, universidades, centros de gestão, etc. As ações da empresa em termos de tratamento de efluentes hídricos, controle de emissões aéreas e recuperação e reciclagem de resíduos sólidos eram admiradas globalmente. Até mesmo a E.P.A. – Environmental Protection Agency, entidade de controle ambiental dos Estados Unidos da América - tinha na Riocell uma espécie de *benchmarking* ambiental para a elaboração das famosas “cluster rules” ambientais, que governavam os sistemas de licenciamento e funcionamento das fábricas do setor de celulose e papel nos Estados Unidos da América durante a década dos anos 90’s.

Além disso, durante 1992, na fase da sonha tentativa de obtenção de uma licença ambiental para se partir para uma duplicação de capacidade de produção, a Riocell teve apoio institucional de diversos segmentos da FIERGS, dentre os quais do conselho de defesa do meio ambiente. Percebemos então na Riocell, que se poderia aprofundar e dar maior nível de confiabilidade nesse relacionamento institucional, fosse através do SINPASUL ou da própria FIERGS. Selecionei dois tipos de comitês da entidade com os quais eu mais me afinava e me coloquei à disposição participando como convidado inicialmente: trabalho voluntário sempre é bem-vindo – acabei sendo efetivado a partir de 1994 tanto no CODEMA como na CITEC. Essa atuação se complementava muito bem com minha posição na época que era a de Vice-presidente de Meio Ambiente da ANFPC/BRACELPA – tudo se casava muito orquestradamente e minha atuação institucional e empresarial poderia resultar em frutos ambientais para o setor de celulose e papel e para a Riocell. Assim eu acreditava e assim acho que acabou acontecendo.

A liderança do CODEMA estava nas mãos de uma das pessoas mais carismáticas, inteligentes e admiráveis que eu conheci trabalhando a favor da área ambiental rural e industrial: Dr. Carlos Adílio Maia do Nascimento. Carlos era médico, agricultor plantador de arroz, inovador em geração de energia elétrica para a agricultura e forte idealista em realizações práticas nas vertentes ambientalistas. Chegou até mesmo a fundar e gerenciar uma ONG que denominou de IBDS - Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável. O Dr. Nascimento, como era carinhosamente chamado pelos amigos, tinha uma visão ambiental e prática ímpar e uma enorme capacidade de aglutinar pessoas. Sua esposa Gerda Horn Caleffi mencionava sempre que Carlos era um visionário, que sempre enxergava com antecedência soluções para os problemas que o setor enfrentava. Também fazia parte do CODEMA um grande amigo meu, com o qual trabalhamos em diversos projetos ambientais, Dr. Wagner David Gerber - logo, com amigos sinceros e qualificados não seria difícil me dedicar com foco em muitos resultados no CODEMA.

A composição efetiva (ou eventual) do CODEMA era constituída por um grupo respeitável de empresários, professores ou de consultores qualificados atuantes no Rio Grande do Sul, dos quais a memória me faz recordar dos seguintes em ordem alfabética de primeiro nome: Alberto Moesch (OAB/RS); Assis Piccini (PUC/RS); Carla Maria Pires Rangel (COPEL); Carlos Adílio Nascimento (empresário); Eugênio Cánepa (CIENTEC); Fernando Justo (Astória Papéis); Flávio Luchese (Associação da Indústria dos Curtumes do RS); Gilberto Amato (ULBRA); Hans Dieter Rahn (Rigor Equipamentos Elétricos); Hugo Springer (SENAI/RS); Ivo Mello (Fazenda Serra do Tigre); Jayme Praver (Chocolates Praver); Lúcio Bruschi (PUC/RS); Luiza Falkenberg (CIPEL - Pelotas); Luiz Felipe Nascimento (UFRGS); Marise Keller dos Santos (SENAI/RS); Renato Hansen (SINDIMÓVEIS); Rosele Witte Neetzow (SENAI/RS) e Wagner David Gerber (Ecocell-Pelotas). A executiva do CODEMA por parte da FIERGS era Cláudia Azzolin Torres.

Logo que começamos os trabalhos com o grupo, surgiu a iniciativa de se trabalhar em um plano estratégico para o CODEMA. A década dos 90's era também a "Década do Planejamento Estratégico", por isso nossas primeiras ações foram voltadas para a avaliação do ambiente do CODEMA, cenários estratégicos, missão, planos de ação, etc. Logo de início, já se detectou um ponto chave, que resultou na mudança do nome do CODEMA: ao invés de Conselho de Defesa do Meio Ambiente, ele passou a se denominar a partir de 1995 de Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente, uma visão mais construtiva e menos defensiva.

Para a realização do planejamento estratégico, diversas outras pessoas das empresas e da FIERGS se envolveram - por parte da Riocell recebemos também apoio dos amigos Haroldo Fernandes e Cláudia Alcaraz Zini.

Fui conselheiro do CODEMA entre 1994 a 1998, atuando como vice-coordenador a partir de 1997. Tive muita felicidade e sorte de poder ter participado e colaborado com projetos ambientais úteis para a indústria e para a sociedade gaúcha e brasileira. A nível nacional, o CODEMA se fazia representar no COEMA - Conselho Temático de Meio Ambiente da CNI - Confederação Nacional da Indústria, onde também lá estávamos sempre presentes, pois eu representava a ANFPC/BRACELPA nesse conselho. Em resumo, nossas estratégias elaboradas no CODEMA acabavam permeando também no nível de indústria nacional. Além disso, a imagem ambiental do Rio Grande do Sul sempre era bastante respeitada e admirada, o que facilitava nossos posicionamentos e ações, fosse por minha atuação ou do Dr. Nascimento.

De qualquer forma, o papel do CODEMA era mais de fomentar, orquestrar e catalisar do que realizar, pois não tinha estrutura de pessoas. A maioria das pessoas era de voluntários que estavam representando suas empresas ou entidades. Interessante o trabalho voluntário, pois é feito por pessoas que querem trabalhar e que criam o tempo necessário para isso, sem reclamar de falta de tempo.

De todas as realizações do CODEMA nesse meu período, acredito que a mais importante tenha sido a que resultou da incansável dedicação do Carlos Nascimento para que o RS conseguisse firmar uma parceria com duas entidades do sistema das Nações Unidas (UNEP – United Nations Environment Programme e UNIDO – United Nations Industrial Development Organization). A meta inicial era a de ter acesso aos bancos de dados ambientais da UNEP, mas essa meta acabou frutificando e originando algo de muito mais valor para o estado e para o Brasil, que foi a criação do CNTL – Centro Nacional de Tecnologias Limpas, em 1995, uma entidade voltada para a implantação de programas de produção mais limpa em função da parceria entre FIERGS, SENAI/RS, UNEP e UNIDO. Um sucesso até hoje e que se deve muito aos sonhos e determinação do amigo Nascimento naqueles anos dourados da década dos 90's. O próprio amigo Nascimento acabou sendo o principal gestor do CNTL durante diversos anos a partir da criação do centro, ocupando assim a posição dupla de coordenador do CODEMA e dirigente do CNTL.

O CNTL tornou-se em um dos vetores mais importantes de mudanças ambientais para a indústria gaúcha, brasileira e até mesmo mundial, pois através de sua ação foi criada uma rede de produção mais limpa e outros centros similares em diversos países em desenvolvimento na América Latina, África e Ásia. Voltarei a escrever mais sobre o CNTL em alguns de meus próximos Relatos de Vida – é algo que precisa ser registrado e divulgado através de minhas publicações sobre quão importante e útil tem sido esse centro para nosso País.

Dentre as ações que o CODEMA costumava realizar durante esse período de quatro anos no qual fui conselheiro, recordo-me de algumas nas quais colocamos muita ênfase:

- Estimular a criação e fortalecer os sistemas de gerenciamento ambiental nas empresas, através de cursos, palestras, programas, etc. – afinal a norma ISO 14.000 surgiu exatamente nesse período.
- Estimular que as empresas usuárias de recursos hídricos participassem efetivamente dos Comitês de Bacias Hidrográficas em função da criação do Sistema Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos.
- Dar ênfase na comunicação ambiental, assumindo uma postura mais proativa em relação à mídia, entidades políticas, poder público e entidades ambientalistas.
- Criar uma rede para facilitar o acesso às informações de natureza ambiental.
- Fortalecer a formação de recursos humanos qualificados com ênfase em tecnologias mais limpas e práticas ambientais mais efetivas.
- Estimular a pesquisa tecnológica ambiental.
- Estimular a redução e reciclagem de resíduos.
- Estimular a adequação ambiental das micros, pequenas e médias empresas.
- Estabelecer princípios básicos sobre meio ambiente para a indústria, para unificar a linguagem e o desempenho industrial.
- Ter presença ativa no Legislativo.
- Disponibilizar, estimular e interferir na criação de linhas de crédito para o meio ambiente.
- Fortalecer e dar maior credibilidade no relacionamento com entidades do poder público, em especial naquelas focadas em meio ambiente.
- Colaborar na avaliação e na difusão de planos, projetos e documentos legais, os quais eram sempre recebidos para comentários e sugestões.

- Desenvolver e fortalecer lideranças ambientais.
- Fortalecer a prática do uso responsável dos recursos naturais.
- Apoiar em tópicos relacionados a Comércio Exterior e Meio Ambiente (tipo selos verdes, barreiras não tarifárias, tributos verdes, etc.).
- Colaborar na integração maior do setor industrial com a sociedade na busca da responsabilidade social compartilhada.
- Colaborar no desenvolvimento de tecnologias de processo para mínimos impactos ambientais.
- Colaborar para o aperfeiçoamento de programas e projetos ambientais regionais e nacionais (RS-Limpo, Agenda 21, etc.).
- Etc., etc.

Enfim, agora com a dolorosa perda de nosso amigo Carlos Adílio Maia Nascimento em maio de 2015 só me resta homenageá-lo com algumas poucas frases simples: "Carlos, você definitivamente agregou muito valor ao meio ambiente e faz muita falta a esse mundo. Sem a sua liderança e seus sonhos, nossas realizações no CODEMA teriam sido outras e com certeza não tão significativas. Seu legado permanece vivo, com certeza!".

Ao encerrar esse meu relato de vida, eu tenho que confessar que me emocionei bastante ao relembrar de muitas de nossas reuniões em equipe, dos debates, viagens e participações como CODEMA por esses Rio Grande do Sul e Brasil afora. Da mesma forma, foi muito bom encontrar na memória as faces e os nomes de muitos daqueles que trabalharam conosco e juntos por um Brasil e um Rio Grande do Sul cada vez mais sustentáveis.

Definitivamente, um privilégio realizar esse tipo de trabalho voluntário e receber a recompensa de ganhar amigos e desenvolver realizações para o bem comum da sociedade e da comunidade industrial.



Carlos Adílio Maia do Nascimento († In memoriam)
 Fonte da foto do amigo Nascimento: Planeta Arroz

FIERGS
CIERGS
SENAI

Federação das Indústrias do Estado
do Rio Grande do Sul
Centro das Indústrias do Estado do
Rio Grande do Sul
Serviço Nacional de Aprendizagem
Industrial /RS

MISSÃO

*"Fortalecer a indústria do Rio Grande do Sul,
estimulando sua competitividade e promover
a livre iniciativa, a economia de mercado, a
integração de empregados e empregadores
e o respeito aos princípios éticos, em
cooperação com o governo e a sociedade,
visando ao desenvolvimento do Brasil".*

FIERGS
CIERGS
SENAI

**I ENCONTRO INTERNACIONAL
SOBRE BARREIRAS
NÃO-TARIFÁRIAS
ISO 14000**

DATA: 8-3-95

LOCAL:

**Plenário Mercosul/FIERGS
Av. Assis Brasil, 8787
Porto Alegre/RS - 91140-001**

Relato de Vida

COMPET – Centro FIERGS de Competitividade

CITEC – Comissão de Informação Tecnológica

FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul

A CITEC – Comissão de Informação Tecnológica foi criada pela FIERGS em agosto de 1992 com a finalidade de buscar, resgatar e disseminar informações tecnológicas relevantes para as empresas industriais gaúchas, bem como para se articular com outras entidades do setor da ciência e tecnologia, qualidade e produtividade industrial.

Dentre seus objetivos, a CITEC tinha como meta principal permitir a maior e melhor integração das comunidades empresariais, acadêmicas, científicas e tecnológicas para colaborar para o aumento da qualidade, produtividade e competitividade da indústria no estado do Rio Grande do Sul. Seu foco era buscar a integração entre o saber e o fazer para fortalecer a sustentabilidade da indústria gaúcha.

As principais formas de atuação da CITEC estavam em: intermediação, organização e apoio a feiras e eventos; parcerias com universidades; fortalecimento da Rede Metrológica; representação em entidades de apoio ao desenvolvimento tecnológico (FAPERGS – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, FINEP –

Financiadora de Estudos e Projetos, etc.); atendimento a consultas de empresas; oferecimento de bolsas de estudo; apoio ao PGQP – Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade; implementação e gerenciamento de um Núcleo de Informações Tecnológicas; articulação com entidades geradoras de tecnologias; sugestão de premiações para empresas líderes em competitividade; estabelecimento ou sugestão de convênios e parcerias para melhoria dos recursos humanos e tecnológicos das empresas, etc.

Enfim, a missão da CITEC era muito mais ampla do que apenas buscar disseminar a fortalecer a qualidade e a disponibilização das informações tecnológicas. Tratava-se na verdade de uma comissão que apoiava tudo o que tinha a ver com o papel da tecnologia para a melhoria da competitividade da indústria gaúcha.

A liderança da CITEC estava muito bem posicionada com nosso estimado amigo Deomedes Roque Talini, com o qual tive a oportunidade de interagir, aprender e cooperar desde 1994 até meados de 1998.

Entre os anos 1995 e 1996 a FIERGS criou um Centro de Competitividade, sendo que por volta do final de 1996 a CITEC acabou sendo robustecida pela sua incorporação ao COMPET - Centro FIERGS de Competitividade. Para que isso acontecesse de forma construtiva e positiva, foram realizados diversos workshops para definições de escopos, papéis das lideranças, missões e visões do COMPET, etc. Diversos dos membros da CITEC migraram para o COMPET, que continuou com a liderança e coordenação do amigo Talini.

Obviamente, em quatro anos de atividades na CITEC+COMPET, eu tive oportunidade de interação com inúmeros amigos que colaboravam em equipe no apoio à competitividade industrial da indústria gaúcha. Mesmo com a possibilidade de eu acabar me esquecendo de alguns nomes chaves, prefiro relacionar aqueles que me lembro mais, do que me omitir em lembrar dos muitos que trabalhavam voluntariamente pela competitividade industrial gaúcha. Dentre eles, destaco em ordem alfabética de primeiro nome os seguintes participantes efetivos ou eventuais durante esse período: Professor Arno Müller (UFRGS); Átila Mentz (MKS Qualidade); Claus Süffert (Quality Inn); Débora Badejo Streliaev (executiva da FIERGS para o CITEC/COMPET); Deomedes Roque Talini (Indústrias Micheletto); Eduardo Bettanin (San Remo); Professor Francisco Massa (PUC/RS e FIERGS); Frederico Ritter (DHB); Hélio Henkin (SEBRAE); Professor João Alziro Herz da Jornada (Rede Metrológica RS); José Albano Volkmer (CIENITEC); José Antônio Martins (Marcopolo); José Luiz Bozzetto (BCM Engenharia); Luciano Deos (GAD Design); Manlio Gobbi (Gobbi Design); Marcos Oderich (Conservas Oderich); Paulo Afonso Pereira (SENAI/RS); Silvano Geremia (Geremia Equipamentos); Otto Beiser (Ritter); Tito Lívio Goron (Albarus); dentre outros.

Dentre os principais projetos que foram trabalhados, destacaria os seguintes:

- Estimulo à gestão empresarial e à qualidade (PGQP – Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade; ISO 9.000, etc.).
- Promoção de eventos técnicos focados em qualidade, produtividade, tecnologia e ciência.
- Fortalecimento da Rede Metrológica do Rio Grande do Sul, com fortes reflexos no INMETRO - Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, que culminou inclusive com a conquista da presidência do INMETRO pelo competente amigo João Jornada.
- Estímulo à cooperação e parcerias com os Centros Tecnológicos da rede SENAI.
- Apoio para formação de parcerias universidades e empresas industriais.

- Articulações com FAPERGS e FINEP para favorecer investimentos em P&D industrial.
- Mapeamento e cadastro de empresas industriais e suas necessidades em P&D.
- Fortalecimento do Núcleo de Inteligência Competitiva e respectiva Rede de Informações Tecnológicas.
- Criação de amplo cadastro de fornecedores, consultores, etc.
- Fortalecimento da imagem tecnológica e competitiva do setor industrial.
- Estímulo à geração de Diagnósticos Setoriais.
- Difusão da cultura de otimização de custos industriais.
- Atuação na redução dos impactos do "Custo Brasil".
- Apoio a novos empreendedores em parceria com SEBRAE.
- Fortalecimento de ações para melhoria no Comércio Exterior.
- Desenvolvimento de estudos de "benchmarking".
- Promoção de estudos para alavancagem de diferenciais competitivos: talentos empreendedores, design inovador, novas tecnologias, capacitação humana, meio ambiente, arranjos produtivos integrados, etc.

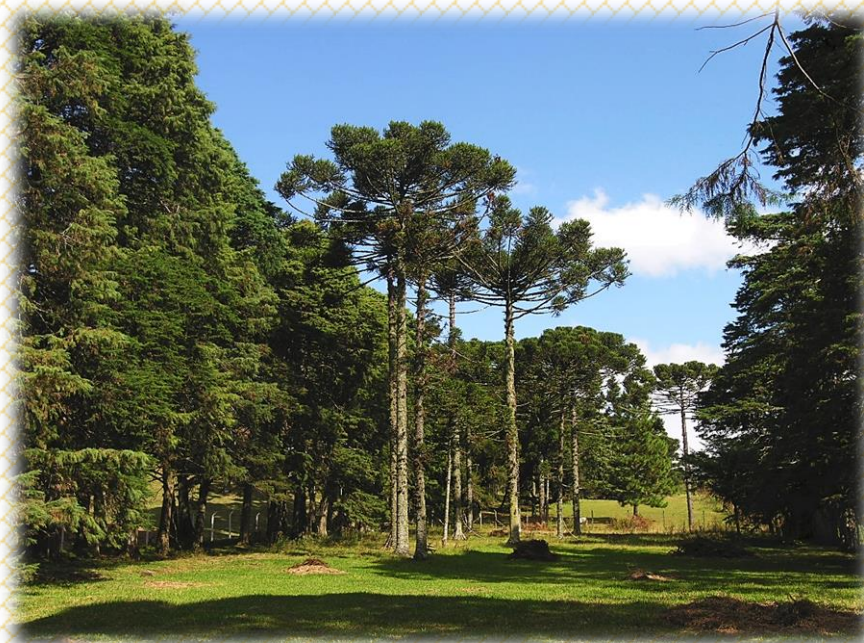
Foram quatro anos de muita atividade, muito trabalho voluntário e criativo onde a gente estava sempre aprendendo um com o outro e também nas interações desenvolvidas com as parcerias externas.

Ao término desse relato COMPET/CITEC, coloco meu reconhecimento ao trabalho agregador e focado em resultados do amigo Deomedes Talini. Sem essa catálise contínua, os resultados seriam outros e talvez as equipes de trabalho teriam sido outras também.

O importante é que tudo deu muito certo – fico assim extremamente gratificado com essa oportunidade concedida para minha cooperação para a indústria sul-riograndense. Portanto, mais um privilégio obtido e conquistado ao longo de minha, às vezes conturbada e agitada, vida profissional.



COMPET e Deomedes Roque Talini
Fonte da foto do amigo Talini: CIENTEC/CITEC



Obrigado a todos e até breve

PinusLetter é um informativo técnico, com artigos e informações acerca de tecnologias florestais e industriais e sobre a Sustentabilidade das atividades relacionadas ao **Pinus** e a outras coníferas de interesse comercial

Coordenação e Redação Técnica - **Celso Foelkel**

Editoração - **Alessandra Foelkel**

GRAU CELSIUS: Tel.(51) 9947-5999

Copyrights © 2012-2016 - celso@celso-foelkel.com.br

A **PinusLetter** é apoiada por uma rede de empresas, organizações e pessoas físicas.

Conheça-os em http://www.celso-foelkel.com.br/pinusletter_apoio.html

As opiniões expressas nos artigos redigidos por **Celso Foelkel** e por outros autores convidados e o conteúdo dos websites recomendados para leitura não expressam necessariamente as opiniões dos patrocinadores, facilitadores e apoiadores.

Caso você queira **conhecer mais sobre a PinusLetter**, visite o endereço <http://www.celso-foelkel.com.br/pinusletter.html>

Descadastramento: Caso você **não queira continuar recebendo** a **PinusLetter**, envie um e-mail de cancelamento para **foelkel@via-rs.net**

Caso esteja interessado em **apoiar ou patrocinar** a PinusLetter, envie uma mensagem de e-mail demonstrando sua intenção para **foelkel@via-rs.net**

Caso queira se cadastrar para passar a receber as próximas edições da **PinusLetter** - bem como do **Eucalyptus Online Book & Newsletter**, clique em **Registrar-se**

Para garantir que nossos comunicados cheguem em sua caixa de entrada, adicione o domínio **@abtcp.org.br** ao seu catálogo de remetentes confiáveis de seu serviço de mensagens de e-mail.
